



CARIBE — O "PUNCTUM DOLENS" DA POLÍTICA CONTINENTAL

Ten-Cel CARLOS DE MEIRA MATTOS

A região do mar das Caraíbas sempre foi o "caldeirão fervente" do Continente Americano: centro de intrigas internacionais, foco de rivalidades entre pequenos ditadores e grandes países, área de intromissão dos poderes europeus aí instalados e ponto de convergência dos interesses estratégicos dos "grandes".

Não é apenas a corrente marítima equatorial do "Gulf Stream" que nas águas do Caribe ganha a sua maior quentura; os nossos irmãos do Continente que habitam essa bacia também são os de cabeça mais quente da América.

Dentro do critério de análise científica que vimos adotando em nossos trabalhos, procuraremos, em seguida, analisar o fenômeno caribeano à luz da geopolítica.

Do ponto de vista de sua morfologia geográfica, a região das Caraíbas se divide em duas partes: uma *continental*, um verdadeiro istmo de ligação entre as massas Norte e Sul do Nôvo Mundo, e outra *insular*, formada

por um arquipélago em meia-lua que, começando próximo à península mexicana de Yucatan, estende-se através de um cordão de ilhas até a costa venezuelana.

Do arquipélago caribe ou antilhano destacam-se, como maiores, as ilhas de Cuba, a Española onde se repartem duas soberanias — São Domingos e Haiti —, Porto Rico e Trinidad, esta já quase encostada ao litoral da Venezuela.

Neste estudo, excluiremos as regiões costeiras da Venezuela, Colômbia e México, também banhadas pelo mar das Antilhas, por considerá-las mais vinculadas às massas continentais do Sul e Norte, do que à fragmentária área denominada América Central.

Não consideraremos, também, como caribeanos, os arquipélagos das Bahamas e Bermudas, já lançados no Oceano Atlântico.

Assim, será objeto de nosso estudo apenas a região mais caracteristicamente antilhana, que é a constituída pelo istmo centro continental e o arquipélago que fecha ao Norte e Leste o contorno do Mar das Caraíbas.

Uma das principais características da área considerada, do ponto de vista geopolítico, é a pluralidade de soberanias aí existentes. Realmente, num espaço geográfico de menos de 800.000 (oitocentos mil) quilômetros quadrados, concorrem 9 soberanias locais — Cuba, República Dominicana, Haiti, Costa Rica, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá e Salvador, e 4 soberanias foraneas — França (ilhas de Guadalupe, Martinica, S. Pedro, Michielon e outras menores), Inglaterra, (Honduras, Barbados, Barlavento, Jamaica, Trinidad, Tobago e outras), Holanda (Aruba, Bonaire, Curaçau e outras menores) e Estados Unidos (Porto Rico e Zona do Canal do Panamá.

Vemos aí um impressionante exemplo de extremo fracionamento do poder político em espaço geográfico exíguo para conter e harmonizar os interesses de 13 Estados diferentes.

Os geopolíticos alemães, da escola de Ratzel, Kjellen e Renner, classificariam o espaço terrestre antilhano em dois diferentes tipos: o istmo central enquadrariam no tipo de *forma alongada* e o arquipélago chamariam de *forma fragmentária*.

Segundo o critério geopolítico desses pensadores alemães, as formas geográficas consideradas emanam certas tendências políticas que passam a estudar.

A *forma alongada* no sentido dos meridianos é, forçosamente, provocadora de diferenciações antropogeográficas. Essas diferenciações, no ponto de vista econômico, apresentam certas vantagens, pois encaminham a auto-suficiência porque geram variedade de produção. Criam, entretanto, diversidades culturais e sociais que podem levar a antagonismos políticos.

A *forma fragmentária*, mostra-se, sem dúvida, desvantajosa, quanto à coesão interna. Quando se agravam os fatores de descontinuidade territorial — caso dos arquipélagos — os inconvenientes tornam-se seguramente mais poderosos, principalmente se o poder político da área não estiver em mãos de um estado potência naval.

Constatamos, assim, que as duas partes integrantes de nossa centro-américa caribeana, uma de *forma alongada* e outra de *forma fragmentária*, possuem uma base geográfica considerada desfavorável pelos geopolíticos.

Considerando-se qualquer das doutrinas geopolíticas, a determinista alemã, a possibilista francesa ou a “do desafio e resposta” de Arnold Toynbee —, mesmo se o poder político de toda a bacia antilhana estivesse enfeixado por um só governo, ou se em cada uma das duas partes distintas, istmo e arquipélago, houvesse uma só soberania, assim mesmo, os inconvenientes morfológicos do território exigiriam um grande esforço de superação político-administrativa para neutralizá-los.

Extremamente fracionada como se apresenta, do ponto de vista político, essa área relativamente pequena transforma-se num problema quase insolúvel.



Como vimos, a fragmentação aí é uma tendência geográfica. A estrutura espacial antilhana é dispersiva, centrífuga. A Espanha, enquanto teve força política, superou essa tendência evitando a pluralidade administrativa — toda essa área ficou inicialmente sob a jurisdição do Vice Reinado do México e depois da Capitania Geral da Guatemala.

Com o enfraquecimento do poder espanhol, deu-se a independência das colônias americanas, ao mesmo tempo em que outros governos europeus tiveram a sua oportunidade, por tantas vezes tentada, de vir a se estabelecer em terras castelhanas.

Não vingou o esforço da Guatemala de transformar-se na matriz de poder de uma soberania centro-americana, impedindo, assim, o fracionamento político da antiga capitania geral. A república federativa aí proclamada cedo se retalhou em várias pequenas nações.

O Libertador Simon Bolivar, de destacada atuação no processo emancipador das repúblicas latino-americanas, sempre teve a sua atenção despertada para êsse inconveniente da pluralidade de Estado, com base territorial insuficiente para o pleno desenvolvimento de sua soberania.

Em carta que escreveu ao Marechal Sucre, disse textualmente Bolivar, com aquela sua visão predestinada dos acontecimentos continentais: "devem ser criados grandes organismos sociais que contenham os elementos suficientes de organização e estabilidade política, e não pequenos núcleos, onde forçosamente, por falta de ambiente, não haverão de arraigar as instituições livres e serão ricas mas em floração de caudilhos personalistas e baixamente ambiciosos".

Não viu o Libertador realizada a sua inspiração política no processo de formação da América Espanhola — a sua Grã-Colômbia não vingou, também se fragmentou. Mas, em nenhuma outra parte da América essa fragmentação atingiu a porções territoriais tão mínimas como na América Central.

Os critérios geopolíticos e a profecia de Bolivar se combinaram criando no Caribe uma área crítica — pela concorrência de tantas soberanias e pela gestação de ambiente próprio ao arraigamento "de caudilhos personalistas e baixamente ambiciosos".

A emancipação política não trouxe aos povos antilhanos sua libertação da opressão e da miséria. Na ignorância e na miséria popular se estribaram os tiranetes que ali pulularam e pululam, apresentando-se sempre como Messias providenciais e salvadores da Pátria. Enriqueceram-se escandalosamente como os Somozas, Trujillos, Osórios, Baptistas, explorando sempre esta ignorância e esta miséria popular que não deixam acabar porque senão acabará também com eles.

Outros tiranos, de outra escola, começam a surgir nesse mesmo palco agitado, — os Arbenz e Castros — mensageiros do comunismo de Moscou e de Pequim. A permanente instabilidade política reinante no Caribe, que é pequeno para tantos e tão ambiciosos donos, continua criando o "clima" propício ao êxito de líderes gananciosos e inidôneos.

Com o assassinato de Trujillo, parece ter terminado a era dos tiranos militares. Mas, ao invés de uma aurora de liberdade e progresso, desponta agora a ameaça de uma nova classe de ditadores, tão ou mais cruéis que os primeiros, tão ou mais sangüinários do que os anteriores, e muito mais perigosos do que os seus antecessores, porque trazem a mistificação de uma filosofia social sob cuja atração pretendem arrastar os povos americanos a uma posição antiocidental e anticristã, filiada aos interesses estratégicos do comunismo soviético e às correntes de pensamento do materialismo histórico.

É um dever imperioso das nações mais esclarecidas da América tomar uma atitude corajosa ante este novo foco infeccioso irrompido em Cuba e que ameaça alargar-se a outros países do Continente.

A região antilhana é da mais alta importância estratégica, quer para a defesa do Ocidente, quer para a segurança Continental.

Esse "cordão de ilhas em meia-lua", entre as quais se destaca Cuba por sua superfície e população, ocupa uma posição estratégica de verdadeira encruzilhada de comunicações entre partes vitais do Continente americano e a enorme massa euro-afro-asiática.

Essa posição estratégica traz as seguintes implicações: no sistema defensivo continental, as ilhas antilhanas desempenham o papel de cordão de segurança protegendo as áreas vitais da Flórida, México, Canal do Panamá e Venezuela; no dispositivo de agressão de potências externas, através do Atlântico, apresenta-se esse arquipélago como o "Calcanhar de Aquiles" do Continente, cuja conquista fácil serviria de trampolim para o salto sobre as áreas vitais acima apontadas.

Aceitar de braços cruzados a instalação aí de uma poderosa agência de Moscou e de Pequim, representa renunciar, a priori, os propósitos de autodefesa. O controle do Canal de Panamá por uma potência antide-mocrática representará uma derrota militar de conseqüências imprevisíveis para a sorte do Mundo Livre.

O Brasil tem imensas responsabilidades na presente conjuntura político-estratégica do Caribe. Deve influir, com o peso de sua expressão continental, fiel às convicções democráticas de seu povo, no sentido de que as nações americanas, como um todo, tomem consciência do perigo que se avizinha e, agindo em conjunto, dentro dos ideais e dos princípios da OEA, imponham a paz e a segurança nas Antilhas.

Deve a diplomacia brasileira ter bem presente, também, as causas remotas e atuais, geopolíticas e sociais, que atuam no sentido de fazer do Caribe o "punctum dolens" da política continental.

Se algumas dessas causas não podem ser eliminadas, muitas, porém, como a ignorância e a miséria, devem ser dali erradicadas. Um verdadeiro pan-americanismo, de profunda sensibilidade social e econômica, será o mais eficaz remédio para os males da instabilidade política antilhana. Sem a ajuda da ignorância e da miséria, não teriam triunfado os Trujillo, Somoza e Baptista. Sem a ignorância e a miséria, não triunfarão os Fidel, Guevara e Arbens.

As nações maiores e mais prósperas da América cabe enorme e transcendental missão nesta hora. Devem entender-se com sinceridade e revelar coragem para enfrentar com realismo e firmeza os problemas do Continente. Devem dar exemplo de crença nos ideais de fraternidade americana. Este exemplo, límpido e cristalino, deve partir principalmente dos Estados Unidos, do Brasil, do México, da Argentina; se os nossos "grandes" souberem apontar o caminho com nitidez e lealdade, todos encontrarão o rumo certo.

"A DEFESA NACIONAL"

CORPO DE REDADORES PARA 1961

REDATOR-CHEFE — Coronel Ayrton Salgueiro de Freitas

COORDENADORES :

Cel Ayrton Salgueiro de Freitas ...	Assuntos Militares
Cel-Av Délio Jardim de Matos	Aeronáutica
Ten-Cel Hugo de Andrade Abreu ..	Exército
Cmt J. A. Carneiro de Mendonça ...	Marinha
Ten-Cel Carlos de Meira Mattos ...	Guerra Revolucionária
Ten-Cel Waldyr da Costa Godolphim	Geografia
Ten-Cel J. R. Miranda Carvalho ...	História
Ten-Cel Celso dos Santos Meyer ...	Caso de Espionagem
Ten-Cel Octavio Tosta	Geopolítica
Ten-Cel Mário de Assis Nogueira ..	Psicologia e Liderança
Ten-Cel Ézio de Melo Alvim	Ciência e Técnica
Ten-Cel Danilo da Cunha e Mello ..	Candidatos à EsAO
Maj Adyr Fiuza de Castro	Engenhos-Foguetes e Satélites
Maj Amerino Raposo Filho	Doutrina Militar Brasileira
Maj Leopoldo Freire	Assuntos Diversos
Maj Germano Seidl Vidal	Candidatos à ECEME
Maj Confúcio Pamplona	Guerra Atômica
Maj Dario Ribeiro Machado	Nossas Guarnições Militares
Cap-Ten Ayrton Brandão de Freitas	Ed. Física e Desportos
Cap Diógenes Vieira Silva	Guerra Química